



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**TEXTO EM FOCO: CONCEITOS À LUZ DA LINGUÍSTICA TEXTUAL E
DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

TIAGO SOARES VIEIRA

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2019**

TIAGO SOARES VIEIRA

**TEXTO EM FOCO: CONCEITOS À LUZ DA LINGUÍSTICA TEXTUAL E
DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Me. Eianny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

V657t Vieira, Tiago Soares.
Texto em foco: conceitos à luz da linguística textual e de alunos do ensino médio [manuscrito] / Tiago Soares Vieira. - 2019.
32 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2019.
"Orientação : Profa. Ma. Eianny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida, Coordenação do Curso de Letras - CCHA."
1. Linguística textual. 2. Concepções. 3. Texto. 4. Linguagem. I. Título

21. ed. CDD 410

TIAGO SOARES VIEIRA

**TEXTO EM FOCO: CONCEITOS À LUZ DA LINGUÍSTICA TEXTUAL E
ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

Aprovado em: 03 / 12 / 2019

BANCA EXAMINADORA

Eianny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida

Profa. Me. Eianny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida – UEPB/CAMPUS IV
(Orientadora)

Auribio Farias Conceição

Prof. Dr. Auribio Farias Conceição – UEPB/CAMPUS IV
(Examinador)

Maria Aparecida Calado de Oliveira Dantas

Prof. Me. Maria Aparecida Calado de Oliveira Dantas – UEPB/CAMPUS IV
(Examinadora)

Dedico o presente trabalho, primeiramente, a Deus, pois é o centro de minha vida, a meus pais e irmãos por me auxiliarem sempre, a minha orientadora e a todos os professores, pois são o que temos de melhor nessa nação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus por tudo que fez em minha vida e por ter me concedido a honra e alegria de chegar até aqui, coloco-o como base de meus agradecimentos, pois sempre pautei minha vida em suas promessas e palavras, por isso que tudo o que acontece em nossa vida é por permissão d'Ele.

Agradeço também aos meus pais (Francisco Soares Sobrinho e Francisca Vieira de Sousa Soares), por sempre acreditarem em mim, me incentivarem a lutar pelos meus sonhos e me mostrarem o caminho por onde seguir. Além deles, sou grato também pela vida de meus irmãos (Franciédina, Franciêlda e Elionai), pois estão sempre ao meu lado e foram altamente importantes nos caminhos por onde trilhei.

Não poderia deixar de mencionar minha gratidão à minha orientadora Eianny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida, por todo auxílio e orientação para que fosse possível a realização da pesquisa, bem como a todos os mestres que ao longo de minha formação me ajudaram a crescer de forma acadêmica e também pessoal.

Meus agradecimentos também aos colegas da turma 2015.1, em especial, aos amigos Adriana Torres, Laysa Silva, Socorro Silva, Irina Lima, Scharllet Rayanne, Hyoucoama Rodrigues e Elias Melo, pois me ajudaram quando precisei e facilitaram a minha vida universitária nos momentos de dificuldades, agradeço também aos meus amigos da vida pessoal, pois sempre estiveram comigo em todos os momentos e nunca desistiram de mim.

Sou grato a professora e alunos da Turma do terceiro ano "B" da Escola Estadual, localizada na cidade de Riacho dos Cavalos - PB, por terem aceitado participar de forma voluntária em minha pesquisa e, com isso, enriquecerem ainda mais o meu trabalho.

De forma geral, sou grato a todos os que, de certa forma, contribuíram com minha formação, seja de forma direta ou indireta, me ajudaram a realizar um sonho de infância (concluir uma licenciatura), Por isso, o desejo de dar o meu melhor na profissão que escolhi e auxiliar maior quantidade possível de sujeitos em sua constituição pessoal e acadêmica.

Enquanto sujeitos sociais, nos realizamos na comunicação, efetivamos nossa identidade ao expor nossas opiniões e aprendemos /crescemos ao interagirmos com o outro e com o mundo, portanto, ao longo de toda a nossa vida, nossas ações estão pautadas na produção de textos, por isso tais dizem muito acerca de quem somos.

VIEIRA, Tiago Soares.

RESUMO

Os estudos linguísticos avançaram ao longo do tempo e se dividiram em ramificações importantes para a análise de objetos distintos na área da linguagem, dentre as quais encontra-se a Linguística Textual (LT); por ter ganhado força apenas em 1960, a presente ciência constitui-se ainda como algo inovador, por isso apresenta conceitos tenros, diferentes e, com isso, altamente importantes para a realização de estudos científicos. Partindo desses pressupostos, busca-se nessa pesquisa estudar a LT, com vistas a compreender algumas visões acerca da definição de linguagem, o trajeto histórico da presente ciência, bem como o conceito de texto nas percepções da Linguística Textual, analisando-o também sob a visão de alunos (de uma turma de terceiro ano do ensino médio em uma escola estadual, localizada na cidade de Riacho dos cavalos - PB). Para tal, realiza-se uma pesquisa de cunho bibliográfico, tendo por base autores como Fávero e Koch (1988), Marcuschi (2012), Travaglia (2009), entre outros, e de campo, a partir de questionários que foram aplicados em uma turma de terceiro ano do Ensino Médio, com vistas a perceber quais as visões do alunado acerca do objeto de investigação da LT, o texto. A partir dos estudos realizados, tornou-se possível perceber que a Linguística Textual avançou muito ao longo do tempo, atualizando conceitos, métodos e visões acerca do texto, estudando-o, atualmente, em um âmbito mais pragmático, percebendo-o em contexto e funcionalidade para com o uso da língua/linguagem. Além disso, foram notórias as dificuldades que os alunos apresentam acerca da conceituação de texto e língua, bem como no que diz respeito a compreensão da relação texto e contexto.

Palavras chave: Linguística Textual; concepções; texto; linguagem.

ABSTRACT

Linguistic studies have advanced over time and divided into important branches for the analysis of distinct objects in the area of language, among which is Textual Linguistics (LT); Having gained strength only in 1960, the present science is still something innovative, so it presents tender concepts, different and, therefore, highly important for the conduct of scientific studies. Based on these assumptions, this research seeks to study the LT, in order to understand some views on the definition of language, the historical path of the present science, as well as the concept of text in the perceptions of Textual Linguistics, analyzing it also under the students' vision (from a third year high school class in a state school, located in the city of Riacho dos Cavalo - PB). To this end, a bibliographic research is carried out, based on authors such as Fávero and Koch (1988), Marcuschi (2012), Travaglia (2009), among others, and field, based on questionnaires that were applied in a third year high school class, with a view to understanding the students' views on the object of research of the LT, the text. From the studies, it became possible to realize that the Textual Linguistics has advanced a lot over time, updating concepts, methods and visions about the text, studying it in a more pragmatic context, perceiving it in context and functionality with the use of language / language. In addition, the difficulties presented by the students about the conceptualization of text and language, as well as regarding the understanding of the relation text and context were noticeable.

Keywords: Textual Linguistics; conceptions; text; language.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM.....	10
3. ASPECTOS CONCEITUAIS E HISTÓRICOS DA LINGUÍSTICA TEXTUAL	13
4. CONCEPÇÕES DE TEXTO SOB A ÓTICA DA LT E DE ALUNOS DO TERCEIRO ANO DE ENSINO MÉDIO.....	17
4.1. TEXTO EM SENTIDO LATO/ESTRITO	18
4.2. TEXTO COMO UMA SEQUÊNCIA DE FRASES (PRIMEIRA FASE).....	19
4.3. TEXTO COMO UNIDADE COMUNICATIVA (SEGUNDA FASE)	21
4.4. TEXTO EM UMA PERCEPÇÃO INTERATIVA (TERCEIRA FASE): RESULTADOS E DISCUSSÕES DA PESQUISA DE CAMPO	22
4.4.1. Resultados e discussões da pesquisa.....	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS.....	33
APÊNDICES	

1. INTRODUÇÃO

Até a década de 60, os estudos linguísticos focavam na análise frasal, buscando observar seus aspectos semânticos, morfológicos e sintáticos. No entanto, desde 1960, a Linguística passou por uma virada teórica e metodológica, dando início as pesquisas relacionadas a Linguística Textual (doravante LT).

Os estudos da LT surgem na Europa, em especial, na Alemanha, com vistas a superar as lacunas deixadas pela análise frasal. Vale destacar que, ao longo de sua trajetória, a mesma avançou em suas concepções, principalmente nas ligadas ao conceito de texto, visto que, inicialmente, o percebia como um acumulado de frases conectadas, passando a vê-lo como uma unidade comunicativa e não meramente linguística e, posteriormente, chegando a visão que perdura até os estudos atuais, sendo essa, compreender o texto de uma forma mais pragmática, como uma manifestação linguística ligada aos interlocutores, bem como ao contexto. Para isso, a Linguística Textual adota uma visão interativa de língua, compreendendo-a como um espaço para interação e ação sobre si e sobre o outro, largando mão de ideias que destacavam ser a língua uma mera expressão do pensamento ou um código para codificação de mensagens a serem transmitidas de um locutor para um interlocutor.

Assim, as pesquisas na área da LT acompanharam suas mudanças e avanços, mostrando uma nova forma de compreender o conceito de texto. Além disso, vale frisar que ao se realizar pesquisas nessa área, é importante buscar compreender também as concepções de língua e linguagem bem como o percurso histórico e teórico pelo qual atravessou a presente ciência.

Partindo disso, busca-se, nessa pesquisa, observar as principais visões de linguagem existentes, a trajetória da LT e seus conceitos sobre o texto. Além disso, analisamos o conceito de texto sob a ótica de alunos de uma turma de terceiro ano do ensino médio, estabelecendo, dessa forma, uma relação entre concepções de linguagem e texto e entre teoria e prática.

Para tal, realiza-se pesquisas em dois cunhos, a saber: bibliográfico e de campo; a primeira foi concretizada tendo por base autores como Fávero e Koch (1988) – as quais discutem os principais fatores históricos que contribuíram para o avanço da LT, bem como os principais percursores – Marcuschi (2012) – visto abordar algumas concepções de texto – e Travaglia (2009) – pois trabalha os

principais conceitos de linguagem, voltados principalmente a três percepções –, dentre outros aportes teóricos que consideram a temática importante.

A segunda, foi aplicada a partir de um questionário – contendo cinco perguntas discursivas – em uma turma de terceiro ano do Ensino Médio de uma Escola Estadual, localizada na cidade de Riacho dos Cavalos, interior da Paraíba, com vistas a perceber quais as visões do alunado acerca das concepções de linguagem, bem como do objeto de investigação da LT – o texto –, principalmente no que diz respeito ao texto em uma questão pragmática, sendo relacionado ao contexto.

Além dessas considerações iniciais, Este trabalho divide-se em quatro seções, iniciando a discussão teórica, abordando as concepções de linguagem, com ênfase em três linhas, a saber, como expressão do pensamento, como elemento codificador e em instância interacional. Na sequência são apresentados elementos relacionados à trajetória histórica da LT, suas três fases e precursores, após isso, adentra-se ao ponto crucial dessa pesquisa, as conceituações de texto, tanto sob a ótica dos teóricos da Linguística textual, quanto dos alunos participantes da pesquisa (apresentação dos dados da pesquisa de campo). Por fim, nas considerações finais, sintetiza-se os resultados obtidos, visando mencionar algumas contribuições e perspectivas de aplicação para o estudo.

2. CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM

Para se entender as proposições da Linguística textual com mais eficácia, é preciso ter consciência de alguns conceitos teoricamente criados acerca da língua/linguagem. Tendo por base Travaglia (2009), vale frisar que três concepções ganharam mais relevância, a saber: Linguagem como expressão do pensamento, linguagem como instrumento de comunicação e linguagem como forma ou processo de interação.

Para a primeira concepção (linguagem como expressão do pensamento), nossas manifestações linguísticas são monológicas, se constroem dentro de nossa mente e são apenas traduções de nossos pensamentos, ou seja, o ato de não falarmos bem estaria conectado ao fato de não pensarmos bem, uma vez que a enunciação não pode ser afetada pelo outro ou pelo contexto, mas constrói-se, individualmente, dentro do próprio sujeito. Desse modo:

As leis da criação linguística são essencialmente as leis da psicologia individual, e da capacidade de o homem organizar de maneira lógica seu pensamento dependerá a exteriorização desse pensamento por meio de uma linguagem articulada e organizada. (TRAVAGLIA, 2009, p. 21).

Portanto, nessa primeira visão, não se pode desvincular a linguagem do pensamento, sendo assim, todos os textos produzidos são meramente subjetivos e não dependem em nada dos fatores: contexto em que se fala, para quem se fala ou objetivo para que se fala.

Para a segunda Concepção (linguagem como instrumento de comunicação), a língua passa a ser vista como um código que é capaz de transmitir uma mensagem de um emissor a um receptor a partir de sua combinação segundo determinadas regras, para isso, importa que ambos os falantes tenham domínio do código utilizado. Além disso, vale destacar que a língua “é um ato social, envolvendo conseqüentemente pelo menos duas pessoas, é necessário que o código seja utilizado de maneira semelhante, preestabelecida, convencionada para que a comunicação se efetive”. (TRAVAGLIA, 2009, p. 22).

Os estudos da presente concepção eram realizados com a língua (enquanto código virtual) desvinculada de seus meios de utilização: fala e desempenho. Com

isso, as pesquisas linguísticas passaram a desconsiderar tanto os interlocutores, quanto todo o contexto histórico/social que são determinantes das unidades e processo de produção da língua. Vale frisar ainda que:

Para essa concepção o falante tem em sua mente uma mensagem a transmitir a um ouvinte, ou seja, informações que quer que cheguem ao outro. Para isso ele a coloca em código (Codificação) e a remete para o outro através de um canal (ondas sonoras ou luminosas). O outro recebe os sinais codificados e os transforma de novo em mensagem (informações). É a decodificação. (TRAVAGLIA, 2009, p. 22).

Com isso, percebe-se que essa visão restringe a língua a algo mais simples, no caso, um sistema de signos para codificação de mensagens a serem passadas para outro, em contrapartida a isso, surge a terceira percepção (linguagem como forma ou processo de interação), nessa, os estudos linguísticos passam a adotar uma noção mais ampla de língua, uma vez que a abordam percebendo-a não apenas como exteriorização do pensamento ou código para transmissão de informações a outro, mas como um meio para realizar ações e atuações sobre o interlocutor seja ele ouvinte ou leitor.

Dessa forma, a linguagem apresenta-se como um local de interação humana e comunicativa entre interlocutores que falam tendo em vista seu lugar sócio histórico e ideológico, por isso, falam/escrevem e ouvem/leem a partir de sua localização no mundo, tendo por base as imagens imaginárias pré-estabelecidas pela sociedade para tais espaços. Assim:

A verdadeira substância da linguagem não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação ou pelas enunciações. A interação constitui, assim, a realidade fundamental da linguagem. (BAKHTIN, 1986, p. 123)

Portanto, partindo do trecho supracitado, percebe-se que o diálogo, em um sentido amplo, é o principal instrumento caracterizador da linguagem (nessa concepção) por ser um fenômeno social praticado a partir das enunciações que são os principais elementos constituintes da realidade da linguagem, essas ideias são adotadas pela LT em seu campo de estudo e, por isso, merecem ser aprofundadas nesse escrito. À vista disso, vale destacar que:

A linguagem não é uma simples emissão de sons, nem simples sistema convencional, como quer um certo positivismo, nem tampouco tradução imperfeita do pensamento, vestimenta de ideias mudas e verdadeiras, como concebe um pensamento idealista, pelo contrário, é ação de sentido, encarnação de ideias, e, como tal, ela dá origem à comunicação. (LEITE, 2006, p. 22)

Ou seja, assim como Travaglia (2009), Leite (2006) concebe a linguagem em uma visão interativa, compreendendo-a como o principal meio originário do processo comunicativo, apresentando, com um feitiço mais filosófico, a língua em uma dimensão erótica, comparando-a com a eroticidade corporal humana, frisando que, assim como a sexualidade transborda do corpo e o corpo encarna existência, o sentido excede o signo, o signo encarna a significação e a palavra exprime o pensamento, esses pressupostos nos fazem perceber que “a linguagem, assim entendida, não é automática, mas intencional, não mero estoque de palavras (ou regras), mas um modo de usá-las, um trabalho.” (LEITE, 2006, p. 23)

Vale destacar uma ressalva, Leite (2006) afirma que para Ponty, nem toda linguagem pode ser conceituada dessa forma, mas apenas as consideradas por ele originárias, a saber, a que as crianças criam pela primeira vez ou a do filósofo e artista que produz um mundo através dela, pois:

O artista restaura, segundo essa visão, o original ambíguo e criativo da linguagem, contra a tendência cotidiana de fixação do sentido. É nessa linguagem originária que podemos perceber além de uma significação conceitual das palavras, uma significação existencial, que não se traduz pela palavra, mas a habita, sendo inseparável dela. Esse poder de expressão da linguagem, a arte explora sistematicamente. Abrindo novas dimensões a experiência. (LEITE, 2006, p. 22)

Partindo disso, é evidente que a linguagem deve ser vista não apenas como um conjunto de regras ou expressão do pensamento, mas como algo significativo, um meio para interação e ação sobre o outro, esses fatores abrem margem para a compreendermos em uma dimensão originária, como propõe Leite (2006), pois nessa medida a perceberemos como algo criativo e repleto de significados, tanto conceituais quanto existenciais.

Portanto, o ensino/estudo da língua não pode ser concebido com vistas a percebê-la apenas como simples sistema de normas ou regras gramaticais, mas

observando-a em um âmbito mais criativo e significativo, torna-se relevante abordá-la dessa forma, pois a escola por vezes tem distorcido a concepção de linguagem e abordado em sala de aula apenas o signo bem como as formalidades para o uso de tal.

Em contrapartida a isso, surge a Linguística textual, que inova os estudos linguísticos e adota a terceira concepção de língua, estudando o texto em seu contexto, entendendo que (assim como a linguagem) eles são produzidos para o outro e constituem-se como diálogos que expõe visões de mundo, em determinados espaços e momentos da história. Assim, vale abordar de forma mais aprofundada alguns aspectos da LT, iniciando com seu trajeto histórico, a ser abordado no próximo capítulo.

3. ASPECTOS CONCEITUAIS E HISTÓRICOS DA LINGUÍSTICA TEXTUAL

A LT corresponde a um novo âmbito de pesquisa da linguística, começou a desencadear-se durante a década de 60, tendo como berço a Europa e, principalmente, a Alemanha, impulsionada por pesquisadores como Heidolph, Hartung, Isenberg, Thummel, Hartmann, Harweng, Petofi, Dressler, Van Dijk, Schmidt, Hummer, Wundeerlich, entre outros. (FÁVERO, KOCH, 1988)

Tal método apresentava-se, à época, como uma inovação, uma vez que os estudos linguísticos limitavam-se à análise da frase, focavam nos elementos morfológicos, sintáticos e fonológicos frasais e desconsideravam os aspectos semânticos e contextuais que envolvem o processo de produção e circulação de um texto.

Deste modo, compreende-se que o foco da Linguística textual corresponde a um estudo da língua tendo como foco (objeto) de análise o texto, acreditando que “o texto é uma unidade linguística hierarquicamente superior à frase. E uma [...] gramática de frase não dá conta do texto”. (MARCUSCHI, 2012 , p. 16). Tal ramo de pesquisa apresenta grande relevância para a ciência da língua, uma vez que surgiu partindo da necessidade de superar:

as lacunas das gramáticas de frase no tratamento de fenômenos tais como a correferência, a pronominalização, a seleção dos artigos

(definido ou indefinido), a ordem das palavras no enunciado, a relação tópico-comentário, a entoação, as relações entre sentenças não ligadas por conjunções, a concordância dos tempos verbais e vários outros que só podem ser devidamente explicadas em tempos de texto ou, então, com referência a um contexto situacional. (FÁVERO, KOCH, 1988, p. 12)

Deste modo, com o surgimento da LT, passou-se a abordar questões que outrora não eram focados nos estudos linguísticos, portanto, “um dos motivos para o surgimento da LT é a lacuna apresentada pela gramática da frase, pois não havia respostas significativas para grande parte dos problemas existentes na morfologia, fonologia e também lexicologia” (ALMEIDA, 2019 p. 19)

Com isso, vale ressaltar que, até conseguir conquistar seu espaço e concretizar seu campo de atuação, a Linguística Textual passou por três fases importantes, na primeira, seus estudos definiam texto como uma sequência lógica de enunciados e visava pesquisar as relações que podem ser estabelecidas entre os enunciados para atribuir-lhes lógica. Assim, vale destacar que apesar dessa etapa não representar ainda uma abordagem autônoma de texto, iniciou-se a preparação do terreno para que se pudesse superar as fronteiras da frase. Nesse primeiro momento, destacaram-se estudiosos como Harris (acreditava que o texto é composto de uma sequência de expressões, que podem ir desde sentenças de um só verbete à obras completas), Harweg (sequência de unidades linguísticas formada por um conjunto pronominal constante) e Weinrich (“texto é uma sequência ordenada de signos linguísticos entre duas interrupções comunicativas importantes” (WEINRICH, 1976, p. 186-187, *apud* MARCUSCHI, 2012).)

Na segunda fase, a Linguística Textual passa a ver o texto sob uma ótica menos quantitativa e mais qualitativa, entendendo que o mesmo é mais que um aglomerado de frases, sendo produzido e compreendido a partir de algumas competências específicas apresentadas pelos falantes. Com isso, o texto é visto como “uma unidade comunicativa e não como uma simples unidade linguística. [...] Neste caso, a LT é a descrição da correlação entre a produção, a constituição e a recepção de textos” (MARCUSCHI, 2012, p. 26).

Um dos pesquisadores de maior destaque nesse momento foi Petofi, para o mesmo, texto significa uma sequência de elementos linguísticos, orais/escritos encorpados a partir de critérios, principalmente, extralinguísticos. Deste modo, percebe-se que as análises utilizadas até então já não eram mais suficientes, uma

vez que as gramáticas do enunciado já não compreendiam toda a complexidade presente nos textos, sendo necessário se realizar mudanças nos métodos de abordagem, surgindo, assim, mais uma perspectiva.

Na terceira fase, os estudos passam a analisar o texto em um âmbito mais pragmático, percebendo-o em seu contexto, ou seja, espaço – extratextual – de produção, recepção e interpretação de tais. Portanto, aqui, o texto é visto como uma ocorrência comunicativa, sendo necessário levar em consideração todo o meio no qual está inserido, partindo do ato de comunicação e seus pressupostos, estando inserido em uma dada situação comunicativa

Para Schmidt, o ato de comunicação, como forma específica de interação social, torna-se o *explicandum* da linguística, de modo que a competência que constitui a base empírica da teoria de texto deixa de ser a competência textual, passando a ser a competência comunicativa (capacidade de o falante empregar adequadamente a linguagem nas diversas situações de comunicação) (FÁVERO e KOCH, 1988, p. 15-16, grifos das autoras)

Com isso, percebe-se que no terceiro momento, o texto é visto como o resultado de uma operação envolvendo elementos léxicos, sintáticos e semânticos durante o emprego do sistema linguístico em uma determinada situação comunicativa, não podendo ser tratado “simplesmente como uma unidade maior que a sentença, pois ele é uma entidade de outra ordem na medida em que é uma ocorrência na comunicação” (MARCUSCHI, 2012, p. 30).

Partindo dos pressupostos, vale frisar que, assim como outras ciências, a LT também sofreu resistência para que seu campo de estudo fosse reconhecido, dentre esses, estavam grandes estudiosos como, Saussure (excluía texto e frase dos estudos linguísticos, destacando que ambos não fazem parte da língua, mas da fala), L. bloomfield (admitia a frase como objeto de estudo da língua, mas excluía o texto) e a corrente do gerativismo americano (acreditavam que a LT não teria nada a acrescentar, pois as gramáticas de frase funcionariam nas sequências maiores). (MARCUSCHI, 2012)

Tais percepções começaram a mudar quando, em 1940, L. Hjelmslev afirmava que o objetivo da linguística era o texto, “contudo, essa proposta foi insuficientemente explorada pelos próprios glossemáticos e não passou de um programa” (MARCUSCHI, 2012, p. 18). Portanto, percebe-se que a Linguística

textual dividia opiniões até conquistar seu espaço em 1960, uma vez que haviam os estudiosos que não concordavam com suas concepções, outros que aceitavam em partes tais perspectivas e ainda os que radicalizavam suas ideias.

Ainda acerca desses pressupostos históricos, vale destacar que três grandes correntes contribuíram para a consolidação da linguística textual, sendo elas, a retórica, a estilística e o formalismo russo. A retórica foi desenvolvida por Empédocles e Córax, mas ganhou força com os pensamentos de Aristóteles (em meados do século IV a. C), que a definia como a ciência de observar o que pode ser persuasivo em cada contexto, não estudando os mecanismo que se apresentam em um texto, mas a arte da eloquência. De acordo com Todorov (1971, p. 81, apud FÁVERO e KOCH, 1988):

Em seus primórdios, a retórica é, acima de tudo, uma técnica que deve permitir, a quem a possua, atingir, dentro de uma situação discursiva, o objetivo desejado; ela tem, portanto, um caráter pragmático: convencer o interlocutor de justeza de sua causa

Deste modo, visando estudar a arte do falar bem, tal concepção era composta por cinco partes, *inventio*, *dispositio*, *elocutio*, *actio* e *memória*, atualmente, apenas os campos *dispositio* e *elocutio* apresentam interferência na LT, sendo utilizados para observar a ordenação do pensamento e sua formulação linguística, respectivamente. As principais contribuições da antiga retórica para a Linguística Textual, dizem respeito a definição mais objetiva de elementos linguísticos latentes à produção textual (microestrutura) e localização do texto no processo global da comunicação (macroestrutura). (FÁVERO e KOCH, 1988)

O segundo importante precursor, foi a estilística, como, à época, a frase era considerada o elemento linguístico mais alto, ficava a cargo da estilística o estudo do texto, atualmente, a LT fornece à estilística os fundamentos necessário ao estudo da frase, bem como do texto, visando observar em que medida um aspecto surge da liberdade do autor ou exigência da gramática.

O terceiro precursor, formalistas russos, foram os agentes do primeiro passo para o estudo do discurso no século passado (década de 20), dentre tais estavam V. Propp, V. Sklovsky e R. Jakobson, tais buscavam estudar a estrutura do texto em si, por si, sem dá margem aos aspectos exteriores a ele, visando a literariedade.

Tendo em vista os aspectos conceituais e históricos da presente ciência, fica evidente que, com o passar do tempo, a LT foi evoluindo e modificando suas concepções acerca do conceito e forma de abordagem do texto, atualmente, se trabalha com uma visão bem mais contextualizada, observando não apenas os elementos intrínsecos à estrutura/composição textual, mas também elementos extratextuais, tendo em vista que as produções se dão em meio social para o social, sendo constituído de diálogos e acompanhando as constantes modificações da língua, deste modo, a LT adota uma visão mais sociocognitiva e “as pesquisas da área passam a examinar como o aspecto externo relaciona-se com processos internos e constroem, através de uma ação compartilhada, uma visão das coisas do mundo” (ALMEIDA, 2019 p. 22).

Partindo dessas percepções e tendo conhecimento tanto das concepções de linguagem, quanto de parte da trajetória história da Linguística Textual, faz-se necessário adentrar aos conceitos de texto, bem como aos resultados e discussões da pesquisa de campo; objetivo do próximo capítulo.

4. CONCEPÇÕES DE TEXTO SOB A ÓTICA DA LT E DE ALUNOS DO TERCEIRO ANO DE ENSINO MÉDIO

Tendo em vista as argumentações anteriores, na presente seção busca-se destacar algumas das concepções de texto apresentadas pela LT, levando em consideração a trajetória histórica, entre outras instâncias importantes para a compreensão do conceito de texto salientando por fim, os resultados e discussões a respeito da pesquisa de campo realizada em uma turma de terceiro ano do Ensino Médio, em uma Escola Estadual, localizada no interior da Paraíba.

Antes de destacar tais definições, vale frisar que “texto” é o conceito central da Linguística Textual, tanto em âmbito oral, quanto escrito, sendo necessário que envolvam demarcações extensivas envolvendo no mínimo dois signos, um desses pode ser suprido pela situação, como é o caso de textos com um só palavra, exemplo de “socorro!” (situação comunicativa atribui-lhe um sentido, portanto constitui-se uma extensão), ainda acerca disso, vale ressaltar que “a Linguística Textual trabalha com textos delimitados, cujo início e cujo final são determinados de um modo mais ou menos explícito” (FÁVERO e KOCH, 1988, p. 18).

Portanto, tendo em vista que os limites pragmáticos de um texto são estabelecidos pela situação comunicativa, se tornam os dados primários da linguística. Com isso, percebe-se que um dos principais questionamentos que giram em torno da Linguística Textual é: “o que significa texto?”; Um dos pontos cruciais para responder essa indagação é compreendê-lo como uma unidade comunicativa repleta de significados e que cumpre “um propósito comunicativo direcionado a um certo público, numa situação específica de uso dentro de uma determinada época, em uma dada cultura em que se situam os participantes desta enunciação”. (CAVALCANTE, 2016, p. 17),

Partindo desses princípios, pode-se frisar que a interação verbal tem por base o uso efetivo da língua pelos sujeitos em suas relações discursivas, sendo efetivadas com o uso de textos, os quais funcionam como base da interação, pois permeiam todo esse espaço.

Por isso, o conceito de texto não está ligado ao tamanho das produções ou apenas a signos linguísticos, mas a um grupo de fatores que são acionados no momento da produção, dados os momentos de interação, e que estabelecem a coerência textual. Deste modo, para que se consiga compreender um texto é preciso se estabelecer uma relação entre conhecimentos linguísticos e de mundo.

A partir disso, vale salientar que “importante para se compreender esse conceito é observar de modo panorâmico, as diversas concepções de textos que já foram defendidas ao longo dos estudos da Linguística Textual” (CAVALCANTE, 2016, p. 18). Tendo em vista tais fatores, a presente produção apresenta quatro definições de texto, a primeira, referente ao texto em um sentido Lato/estrito e a seguir, três conceitos obedecendo o percurso histórico da LT (as três fases).

4.1. TEXTO EM SENTIDO LATO/ESTRITO

Para se entender essa visão do conceito base da LT, em um sentido lato e estrito, é necessário compreender a relação existente entre os termos texto e discurso, visto que por vezes são tratados como sinônimos ou utilizados para designar elementos distintos, um dos fatores que contribui para a existência dessa indecisão corresponde ao fato de que em algumas línguas o termo discurso não faz parte do vocabulário, como o caso do alemão e holandês. Fora isso, em uma dimensão mais teórica, um conceito para tais termos pode ser: “o discurso é a

unidade passível de observação, aquela que se interpreta quando se vê ou se ouve uma enunciação, ao passo que o texto é a unidade teoricamente reconstruída, subjacente ao discurso” (FAVERO e KOCH, 1988, p. 23)

Além disso, outros autores apresentam uma visão distinta dessa primeira posição, para Van Dijk, por exemplo, texto e discurso devem ser tomados como questões distintas, assim como os termos gramática textual e linguística do texto, afirmando que a gramática textual deve ser utilizada exatamente como uma gramática e não focar em questões particulares ao uso da linguagem, assim:

isso significa que ela só deve levar em conta certas propriedades linguísticas (“gramaticais”) do discurso e não outras estruturas, como as retóricas e as narrativas, que requerem uma descrição em termos de regras e categorias de outras teorias. Desse modo, propõe a denominação de teoria do discurso para o campo inteiro de pesquisas sobre o discurso, incluindo a linguística de texto, a estilística, a retórica, etc., (correspondente ao termo alemão *textwissenschaft* e ao espanhol *ciência del texto*) (FAVERO e KOCH, 1988, p. 25, grifos das autoras).

Deste modo, pode-se enfatizar que o texto pode ser considerado em dois sentidos, lato e estrito, o primeiro caso está relacionado a toda manifestação da capacidade textual do ser humano, realizada através de determinado sistema de signos, seja uma poesia, produções cinematográficas, artísticas, etc., em sentido estrito, o texto é delimitado a produção linguística, ou seja, discurso, portanto, “o texto consiste em qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significativo, independentemente de sua extensão” (FAVERO e KOCH, 1988, p. 25).

4.2. TEXTO COMO UMA SEQUÊNCIA DE FRASES (PRIMEIRA FASE)

Quanto a essa visão, vale destacar que alguns pontos são necessários para estabelecermos o presente conceito de texto. Primeiro, (como já visto no capítulo anterior), por apresentar entroncamento na linguística estrutural, a LT preocupou-se inicialmente com o encadeamento das sentenças, ou seja, o que constituía o texto era uma sequência de frases e sua preocupação de análise era apenas a forma como essas se conectavam.

Para tal, observava-se três pontos essenciais, a saber, sequência, sentença e coerência. O primeiro, diz respeito a necessidade de se apresentar nos textos uma construção linear, o segundo analisava os elementos morfológicos e sintáticos, diferenciando o que seria estrutura de superfície e estrutura profunda, já o terceiro, refletia sobre as relações estabelecidas entre as sentenças, observando apenas as questões referentes ao signo linguístico, sem levar em consideração os elementos contextuais.

Essa visão de texto era compartilhada por linguistas importantes, dentre esses, encontra-se Zellig S. Harris, para o mesmo, o texto é referente a uma sequência de morfemas ou frases interligadas por determinados elementos que formam um todo, por isso a gramática de frase existente até então seria suficiente, ou seja, podem ir desde uma palavra até um obra com diversos volumes, vale destacar que Harris é considerado um dos mais radicais dos imanentistas, por isso suas percepções foram perdendo ressonância à medida que a LT avançava.

Uma outra definição importante dentro desse momento, condiz às ideias de Roland Harweg, para o mesmo, “texto é uma sucessão de unidades linguísticas constituídas por uma cadeia pronominal ininterrupta” (HARWEG, 1968, p. 148, apud MARCUSCHI, 2012, p. 24). Essa definição abre espaço para algumas reflexões, de forma geral, a ideia de Harweg destaca duas fundamentais concepções de sequenciamento, a sintagmática (palavras compõe as sentenças, essas formam os textos) e a paradigmática (formação da cadeia pronominal dentro da sequência), além desses, outro ponto fundamental constitutivo do texto é o múltiplo referenciamento, ou seja, todos os lugares, pessoas, objetos, etc., são várias vezes retomados durante as produções textuais.

A ideia de referenciamento é também compartilhada por Irena Bellert, nesse caso utilizando-a como condição necessária para coerência textual, sendo o contexto uma condição essencial à interpretação adequada. Apesar de já observar o contexto, Bellert, assim como todos dessa primeira fase, desenvolve sua concepção ainda imanente à estrutura linguística, visto perceber o texto apenas como uma sequência de sentenças ligadas umas às outras.

Um outro linguista importante que compartilha dessas perspectivas é Weinrich, para tal o “texto é uma sequência ordenada de signos linguísticos entre duas interrupções comunicativas importantes” (WEINRICH, 1976, p. 186-187, apud MARCUSCHI, 2012, p. 25), essa percepção dificulta a questão da delimitação dos

textos, por isso os estudos deveriam ser realizados unindo a análise frasal por tipo de palavra ou estrutura da frase, deste modo, em suma, “para Weinrich toda linguística de texto, todo o tratamento de categorias gramaticais é um tratamento textual dos artigos, dos pronomes, dos verbos e todos os fenômenos gramaticais” (MARCUSCHI, 2012, p. 26), ou seja, tanto a definição de texto, quanto a análise do texto estão ligados, unicamente, ao sistema linguístico.

Outra percepção dentro dessa corrente que ganhou vários adeptos, entendia o texto de forma meio que oposta a visão anteriormente exposta, vendo-o como sequência de frases, mas estudando-o de forma inversa, ou seja, não partindo da frase para o texto (ascendente), mas iniciando no texto para a frase e da frase para as unidades menores (descendente). Com isso:

Os textos são sequências de signos verbais sistematicamente ordenados. Como processos ordenados de complexidade relacional, eles permitem ser incluídos na noção de sistemas, no sentido da Teoria Geral dos Sistemas [...]. Por essa razão, também, um dado texto pode ser considerado como um signo linguístico primário e global, de modo a atribuir-se a seus segmentos apenas status de signos parciais. (FÁVERO, KOCH, 1988, p. 19)

Assim, nessa visão, o texto deveria ser analisado de forma hierarquizada com seus elementos isolados (frases e palavras), vale considerar ainda a relação existente entre o sujeito e as concepções de língua, nessa fase a percepção de língua compartilhada diz respeito a expressão do pensamento, ou seja, “inicialmente, o texto era concebido como um mero artefato lógico do pensamento do autor. Nesse caso, caberia ao leitor apenas captar essa representação mental e as intenções do produtor” (CAVALCANTE, 2016, p. 18).

4.3. TEXTO COMO UNIDADE COMUNICATIVA (SEGUNDA FASE)

Nessa concepção, a definição de texto perpassa por elementos que transcendem o sistema linguístico, tomando-o como uma unidade comunicativa, ou seja, consideram os arranjos de sentenças em seu funcionamento mais amplo, assim a LT trabalharia com a correlação entre produção, constituição e recepção dos textos.

Um dos grandes linguistas que compartilha com essa visão é Petoffi, o mesmo não larga mão de conceituar texto como uma sequência linguística, no entanto, abre o leque para incluir elementos contextuais, assim, o significado de texto seria “uma sequência de elementos linguísticos ou falados organizados como um todo, com base em algum critério qualquer (geralmente extralinguístico), resulta num texto” (PETOFFI, 1972, p. 31, apud MARCUSCHI, 2012, p. 26).

Vin Dijk também percebe o texto nesse viés, para formular sua definição leva em consideração uma “estrutura profunda” e uma “estrutura superficial”. “O autor enfatiza que as relações textuais devem ser descritas a partir das relações lógico-semânticas analisadas na estrutura profunda, pois são estas estruturas que viabilizam a coerência textual.” (ALMEIDA, 2019 p. 25). Partindo dessa percepção, o significado de texto está relacionado a unidade base de nossa comunicação. Essa visão é também adotada por Schmidt, pois para o mesmo:

Texto é qualquer expressão de um conjunto linguístico num ato de comunicação (no âmbito de um jogo-de-ação comunicativo), sendo tematicamente orientado e preenchendo uma função comunicativa reconhecível, ou seja, realizando um potencial ilocutivo reconhecível. (SCHMIDT, 1973, p. 237, apud MARCUSCHI, 2012, p. 27-28).

Ao trabalhar com essa visão, o autor deixa de lado alguns termos essenciais como a coerência e a frase, abrindo margem às questões pragmáticas, com isso, a lógica seria definida não lógico-sintaticamente, mas tematicamente, a também chamada estrutura comunicativa profunda, por isso, constitui-se textualidade qualquer ação comunicativa transmitida por signos, incluindo os linguísticos.

Com isso, vale destacar que, se estabelecermos a relação texto, sujeito e língua, nessa visão, o texto seria visto apenas como a decodificação de uma mensagem por meio de um código, ou seja, “o texto passou a ser entendido como um produto da decodificação de um emissor a ser decodificado pelo ouvinte, bastando, para a sua compreensão, apenas o domínio do código linguístico” (CAVALCANTE, 2016, p. 18). Por isso, a principal função do texto seria transmitir uma informação para um receptor que ao entrar em contato cumpriria uma função passiva, apenas abstraindo as informações codificadas.

4.4. TEXTO EM UMA PERCEPÇÃO INTERATIVA (TERCEIRA FASE): RESULTADOS E DISCUSSÕES DA PESQUISA DE CAMPO

Partindo das argumentações anteriormente expostas, torna-se perceptível, sobretudo, que as concepções da Linguística Textual e suas visões de texto se modificaram/avançaram com o passar do tempo, pois partiram de uma ideia de texto como sequência de frases a percebê-lo enquanto ocorrência linguística dentro de determinada situação comunicativa, adotando a definição de linguagem enquanto forma ou meio de interação. A respeito disso, vale destacar que:

No momento em que a língua é vista como um processo interativo, em que os elementos linguísticos e extralinguísticos precisam ser analisados, entre eles, os contextos sociais, os sujeitos envolvidos no processo da interação, as intencionalidades presentes no momento da enunciação, a recepção, o conceito de texto assume uma nova postura. (ALMEIDA, 2019, p. 23)

Quanto ao trecho supracitado, vale destacar que essa nova postura assumida pelo texto condiz principalmente a significação, pois, como já visto, o significado excede o signo; compreender o sujeito como indivíduo ativo frente às produções discursivas que entra em contato é o primeiro passo para isso, pois “o sentido de um texto é, portanto, construído na interação texto-sujeitos (ou texto-coenunciadores) e não algo que preexista a essa interação” (Koch, 2015, p.18, *apud* ALMEIDA, 2019, p. 23).

Deste modo, o conceito de texto, tendo em vista essa visão interativa da linguagem, deve ser concebido como a ativação de uma gama de fatores que entram em ação na construção comunicativa, levando-se em conta tanto os sujeitos da interação, quanto o contexto e história que implicam na produção textual, por isso “das diversas definições aqui revistas fica um *desideratum*: o texto não é uma unidade virtual e sim concreta e atual; não é uma simples sequência coerente de sentenças e sim uma ocorrência comunicativa.” (MARCUSCHI, 2012, p. 29)

Percebendo-o como ocorrência comunicativa, abre-se o leque para compreendermos o mesmo além do sistema linguístico, ou seja, como evento social, no qual os interlocutores “levam em consideração o contexto sociocomunicativo, histórico e cultural para a construção dos sentidos e das referências dos textos.” (CAVALCANTE, 2016, p. 18).

Portanto, o texto não é realizado apenas por meio do uso de elementos linguísticos superficialmente presentes ou modos de organização, mas também a

partir dos conhecimentos de mundo, práticas comunicativas, cultura, história dos sujeitos, principalmente no que diz respeito a construção dos sentidos no evento comunicativo, portanto:

Fundamentamo-nos, pois, em uma concepção sócio-cognitvo-interacional de língua, que privilegia os sujeitos e seus conhecimentos em processos de interação. O lugar mesmo de interação – Como já dissemos – é o texto, cujo sentido “não está lá”, mas é construído, considerando-se, para tanto, as “sinalizações” textuais dadas pelo autor e os conhecimentos do leitor, que, durante todo o processo de leitura, deve assumir uma atitude “responsiva ativa”. Em outras palavras, espera-se que o leitor concorde ou não com as ideias do autor, complete-as, adapte-as etc. (KOCH e ELIAS, 2006, p. 12, *apud* CAVALCANTE, 2016, p. 20)

Partindo dessas questões, vale frisar que essa visão de texto leva em consideração os sujeitos em sua dimensão sócio-histórica e cultural, com isso os conhecimentos apresentam grande variação e se mobilizam nas produções textuais com o intuito de formar uma rede de significações, por isso várias das informações não se apresentam na materialidade linguística, mas permanecem escondidas, podendo ser descobertas a partir dos conhecimentos de mundo que tempos. Ou seja, de forma metafórica, o texto pode ser compreendido como “a ponta de um iceberg – uma pequena porção da matéria e da energia dentro da qual uma enorme quantidade de informação foi ‘condensada’ por um falante ou escritor e está pronta para ser ‘amplificada’ por um ouvinte leitor” (BEUGRANDE, 1997, p. 16, *apud* KOCH e ELIAS, 2016, p. 34).

Isso porque quando o texto é compreendido como entidade multifacetada, acredita-se que os sistemas linguísticos não são suficientes para o processamento textual, apesar de serem necessários, visto que, dentre os aspectos que podem auxiliar na compreensão textual, estão a intersubjetividade e o compartilhamento de conhecimentos, quanto a isso, vale destacar que não é possível se compartilhar com o outro todo o seu contexto mental, pois não podemos ver o mundo com o olhar do outro, mas podemos adequá-lo para observar mais ou menos os mesmos objetos nas redondezas imediatas.

Deste modo, tendo conhecimento das percepções acerca da visão interativa de texto, vale adentrar aos resultados da pesquisa de campo e, assim, realizar uma contraposição entre o aporte teórico já apresentado nessa pesquisa e a prática (conhecimentos dos alunos acerca dos termos abordados).

4.4.1. Resultados e discussões da pesquisa

Partindo dos pressupostos, vale ressaltar que a análise das respostas será realizada com base na visão de texto em uma percepção interativa, visto que essa é a perspectiva adotada pela LT atualmente para construção de seu campo teórico.

A pesquisa foi aplicada em uma turma de terceiro ano do Ensino Médio de uma Escola Estadual localizada na cidade de Riacho dos Cavalos-PB, por meio de um questionário contendo cinco questões discursivas, nas quais os alunos foram indagados acerca dos conceitos de texto e língua, bem como da relação do texto com o contexto.

De início, é importante considerar que maioria dos alunos não conseguiram responder ao questionário, visto que dos 20 (vinte) discentes que se dispuseram a participar, apenas 03 (três), 15%, conseguiram responder de forma lógica todas as perguntas, tendo em vista isso, vale detalhar as respostas questão por questão, para que consigamos compreender melhor qual a percepção dos discentes referente a tais dúvidas do investigador. Na primeira questão, era apresentada a seguinte assertiva:

“De acordo com as experiências que você já vivenciou durante sua carreira escolar, em especial as relacionadas à disciplina de Língua Portuguesa, responda as seguintes perguntas: Qual a sua visão de Língua? Ou seja, o que significa língua para você? e Qual o conceito de texto?”

Dentre as respostas que apresentaram lógica (oito, no total; 40%), maioria dos aprendentes conceituou língua dentro de uma imanência gramatical, no entanto, há exceções, 01 (um) dos discentes abriu esse leque conceitual e inseriu demais aspectos tais como a linguagem corporal, gestual e mental, outros levaram em consideração os elementos interacionais, percebendo-a como meio para interação e comunicação de forma oral, ou escrita, como podemos observar nos seguintes discursos:

D1: “língua no termo popular é o idioma em que determinado grupo fala. Porém no termo disciplinar, é a matéria que tem toda uma regra gramatical”

D2: “língua para mim é língua portuguesa, espanhola, etc. São as formas de se comunicar com as pessoas por meio da fala e da escrita”

D3: “Seria se expressar com voz, corpo e mente”

Partindo dos discursos expostos, pode-se frisar que os alunos participantes da pesquisa, entendem a língua muito voltada ao código, portanto, a segunda visão abordada por Travaglia (2009), acreditando que a mesma é o meio para que a comunicação seja efetivada e o sistema que utilizamos para codificar as informações a serem enviadas para o próximo. Por apresentarem essa visão, o conceito de texto nas respostas selecionadas (sete, no total; 35%), estavam relacionados apenas a codificação de uma dada informação, ou seja, o instrumento que utilizamos para passarmos ao outro aquilo que desejamos, como pode ser visto nos discursos a seguir:

D1: “O conceito de texto se designa à uma ampla variedade: como modo de resenha; dissertativo-argumentativo, etc. Todos eles com a finalidade de nos informar sobre algo que ainda não sabemos”

D2: “O texto é uma anotação, uma história, ou etc. em que tem por objetivo informar, repassar informações de outra coisa para aquele que estava fazendo a leitura”

D3: “Um conjunto de argumentos e fatos que servem para diferentes fins”

A partir dos discursos acima expostos, pode-se frisar que a visão dos alunos acerca do texto se encaixa principalmente em dois conceitos, a saber, os referentes à primeira e segunda fase, visto que – quando não apresentado em forma estrutural, ou seja, sequência de frases e/ou argumentos – É exposto como um meio para transmissão de mensagens, conhecimentos e informações; ao conceituar, é importante os alunos lembrarem dos gêneros textuais, no entanto, seria relevante que sua visão de texto apresentasse um conceito mais amplo, englobando além dos aspectos estruturais e de codificação, uma instância interacional, a capacidade de produções textuais em portar vários conhecimentos culturais, históricos e sociais, por serem um evento comunicativo, composto tanto por elementos linguísticos, visuais e sonoros, quanto por diálogos frequentes entre locutor e interlocutor.

De forma ampla, torna-se perceptível que, ao longo de sua carreira escolar, a visão de linguagem e texto construída pelos alunos diz respeito principalmente a código, ou seja, os mesmos não atrelaram em maior parte das conceituações, a relação texto/língua com meio para interação, ação sobre o outro e instância que envolve conhecimentos sociais, culturais e históricos, mas mantém uma ideia

limitada de decodificação de informações e conhecimentos por meio das palavras (em forma oral ou escrita). No entanto, vale salientar uma ressalva, visto que, mesmo de forma rasa, alguns alunos conseguiram ainda atrelar os presentes conceitos à ideia de partilha, interação e ação.

Após destacar suas visões acerca do conceito de texto, bem como de língua, foram apresentadas aos alunos mais duas questões, as quais objetivavam investigar a forma como os mesmos percebem a relação texto/contexto. Abaixo são apresentadas as mesmas e em seguida sua análise.

“Problema:

Um sujeito vai caminhando em uma rua, como está olhando para o celular, não consegue perceber nada do que está acontecendo ao lado. À frente dele está um enorme buraco, do lado da rua um senhor grita:

- **“Cuidado!”**

Responda: levando em consideração a situação, o grito do senhor (“cuidado”) pode ser considerado um texto? Por quê?”

Observe a imagem:



Essa imagem pode ser considerada um texto? Por quê?”

Em ambas as questões, as materialidades podem ser consideradas textos, se partirmos da análise sob a ótica interativa da LT, visto que são eventos comunicativos concretos, agem sobre o outro e se manifestam por meio da linguagem, verbal e não verbal. Quanto as respostas dos alunos, organizamos em forma gráfico para que se torne mais fácil a compreensão.



Tendo em vista os dados apresentados, fica evidente que 65% dos alunos consideram a primeira materialidade (“cuidado”), um texto, enquanto que 80% dos discentes afirmaram acreditar que a segunda materialidade (placa: “pare”) poderia ser considerado um texto, esses dados poderiam ser ainda mais positivos se o cenário das primeiras questões acerca da visão dos mesmos sobre texto apresentasse resultados ainda mais favoráveis, no entanto, dentro das possibilidades nas quais o estudo acabou se concretizando, as respostas podem ser consideradas positivas, tanto por maioria ter entendido a relação texto e contexto (e, conseqüentemente, minoria ter destacado que “não” ou “não sabia”), quanto pelas justificativas que acabaram surgindo, tais como:

Acerca da primeira materialidade:

D1: “Pode ser considerado um texto, pois um texto deve sempre apresentar um propósito, no caso referido, tem como prerrogativa, repassar uma informação e advertir aquele que ouviu esta palavra”

D2: “Porque mesmo sendo apenas uma palavra ainda transmite significado. É nesse caso o significado de perigo. Então na minha opinião. Texto é aquilo que está escrito que traz um: aviso, opinião, afirmação, etc.”

Acerca da segunda materialidade:

D1: “Sim, porque da mesma forma da pergunta anterior, tal imagem tem a afinidade de repassar uma informação, ou seja, um motorista que ver imediatamente interpretará e atenderá a frase”.

D2: “Sim, porque está informando e alertando alguém”.

Partindo disso, vale frisar que, para maioria dos alunos, as materialidades eram consideradas textos por apresentarem um propósito, uma finalidade, no caso, avisar/alertar alguém do perigo que estaria à sua frente, além disso, 02 (dois) deles, lembraram em suas justificativas a questão do significado, ou seja, o que traria características textuais às materialidades seria seus muitos significados, dentro do contexto determinado, mesmo sendo uma única palavra. No entanto, assim como no momento de conceituar, os discentes não relacionaram texto a uma atividade interativa, mas apenas a codificação de uma informação, visto que em quase todas as respostas, estava presente a afirmativa: “pois transmite um aviso”, esses fatores tornam evidente que, para os alunos analisados, o principal elemento constitutivo de texto não condiz à sua função interacional, mas a codificação, portanto, assim como pensavam os linguistas no segundo momento da LT, maioria acredita que o texto apenas codifica uma mensagem a ser transmitida para o interlocutor, o qual recebe de forma passiva, sem realizar uma atividade responsiva, mas apenas a recebendo e compreendendo.

Para finalizar a presente análise, chegamos a última pergunta, a qual indagava os alunos acerca de: “Algum de seus professores de Língua Portuguesa, em algum momento de sua trajetória escolar, trabalhou contigo o(s) conceito(s) de texto?”. Nesse momento, temos o principal paradoxo da presente pesquisa, visto que 100% dos alunos destacaram que “sim”, em determinado momento de sua vida escolar havia estudado/visto os conceitos de texto, no entanto, apenas 15% conseguiram responder de forma lógica o questionário completo e apenas 40% e 35% conseguiram destacar os conceito de língua e texto, respectivamente. Inicialmente, percebe-se de forma clara uma relação paradoxal nas respostas do alunado, visto que, apesar de afirmarem terem estudado ao longo de sua carreira escolar as concepções de texto, apresentaram muita dificuldade no momento de apontar suas visões conceituais, sendo que maioria não respondeu o questionário com respostas lógicas.

Algo deve ser levado em consideração, mesmo que 100% dos alunos tenham afirmado que os professores trabalham o conceito de texto em sala de aula, podemos inferir que são dados que não refletem a realidade, se tais conceitos, de fato, fossem abordados, provavelmente os números seriam totalmente diferentes. Fato é: a dificuldade em conceituar e explicar a relação do texto com o contexto é marcante, por isso, vale refletir que determinados conceitos, dentre esses, língua, texto e contexto, precisam estar inseridos nas aulas de língua portuguesa, para que possamos construir alunos autônomos capazes de se portar de diferentes maneiras a depender dos contextos nos quais estão inseridos, conseguindo utilizar a linguagem de maneira adequada, entendendo o seu funcionamento; esses fatores são primordiais para alcançarmos resultados satisfatórios no processo de ensino-aprendizagem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por objetivo observar as concepções conceituais acerca do texto sob a ótica da Linguística textual e de alunos do terceiro ano do ensino médio, dessa forma, a pesquisa foi organizada da seguinte forma: inicialmente, destacamos as concepções de língua, seguindo com apresentação de elementos relacionados à trajetória histórica da LT, concretizando o estudo com a apresentação de alguns conceitos de texto, bem como os dados obtidos na pesquisa de campo.

A partir dessas discussões, “Podemos concluir, [...], que o texto é um evento comunicativo em que estão presentes os elementos linguísticos, visuais e sonoros. Os fatores cognitivos e vários aspectos. (CAVALCANTE, 2016, p. 20), é também um evento interacional, um diálogo constante entre locutor e interlocutor.

Por isso, vale frisar que até chegar a apresentar essa visão de texto, alguns acontecimentos foram importantes na história da Linguística Textual, uma vez que assim como as visões de língua avançaram ao longo do tempo, os conceitos de texto foram se modificando, saindo das perspectivas que o definiam como uma sequência de frases, até chegar a visão interativa, atualmente utilizada nas pesquisas da LT.

Por isso, cabe destacar dois pontos importantes, primeiro, que é impossível se explicar por meio de uma ciência única e abstrata todos os tipos de texto existentes dentro de uma dada língua e, segundo, que não é possível aplicar ao texto as mesmas categorias gramaticais que eram utilizadas no estudo da frase, até então utilizadas, (MARCUSCHI, 2012).

Esses fatores evidenciam a importância que as concepções da Linguística Textual apresentam para os estudos linguísticos, uma vez que são tenros e abordam aspectos que outrora não eram analisados, por isso, faz-se necessário a realização de pesquisas na área, buscando não apenas compreender os conceitos, mas também aprofundá-los e percebê-los na prática e, como já frisado, esse foi o objetivo da presente pesquisa, observar a visão dos alunos referente ao conceito de texto, bem como a forma como eles concebem a relação texto-contexto, a partir disso, foi possível notar que os discentes apresentaram dificuldades consideráveis ao apresentar suas percepções sobre a temática, apesar das respostas indicarem que 100% deles já tinham estudado essas concepções.

A partir desse paradoxo, fica evidente que os conceitos de língua, texto e contexto devem ser abordados em sala de aula, buscando o desenvolvimento integral dos alunos e a construção de sua autonomia para com o uso da linguagem, para que consigam ser críticos frente aos discursos que entrarem em contato e utilizem de forma satisfatória a língua para expor suas opiniões com respeito e de forma adequada ao contexto em que estiverem situados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Eianny Cecília de Abrantes Pontes e. **Os processos referenciais na construção da argumentação textual**: Um estudo do Gênero artigo de opinião. 2019. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras - (PPGL) Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), 2019.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2016.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Linguística Textual**: introdução. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1988.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça, ELIAS, Vanda Maria. O texto na Linguística textual. *In*: BATISTA, Ronaldo de Oliveira (org), **O texto e seus conceitos**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

LEITE, Lígia Chiappini de Moraes. Gramática e Literatura: Desencontros e esperanças. *In*: GERALDI, João Wanderley (org.), **O texto na sala de aula**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio, **Linguística de Texto**: o que é e como se faz?. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

APÊNDICES

QUESTIONÁRIO

1. De acordo com as experiências que você já vivenciou durante sua carreira escolar, em especial as relacionadas à disciplina de Língua Portuguesa, responda as seguintes perguntas:

- Qual a sua visão de Língua? Ou seja, o que significa língua para você?

- Qual o conceito de texto?

2. Problema:

Um sujeito vai caminhando em uma rua, como está olhando para o celular, não consegue perceber nada do que está acontecendo ao lado. À frente dele está um enorme buraco, do lado da rua um senhor grita:

- “Cuidado!”

Responda: levando em consideração a situação, o grito do senhor (“cuidado”) pode ser considerado um texto? Por quê?

3. Observe a imagem:



Essa imagem pode ser considerada um texto? Por quê?

4. Algum de seus professores de Língua Portuguesa, em algum momento de sua trajetória escolar, trabalhou contigo o(s) conceito(s) de texto?

“TEXTO EM FOCO: CONCEITOS À LUZ DA LINGUÍSTICA TEXTUAL E DE ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO”

Objetivo Central do estudo: O presente projeto objetiva observar as principais visões de linguagem existentes, a trajetória da LT e suas conceituações sobre o texto, complementando com uma análise acerca do conceito de texto sob a ótica de alunos de uma turma de terceiro ano do ensino médio, estabelecendo, dessa forma, uma relação entre concepções de linguagem e texto e entre teoria e prática.

Papel dos participantes: Pretende-se a sua colaboração no sentido de descrever suas visões acerca do conceito de texto, bem como seus conhecimentos atrelados à relação texto-contexto.

Papel do Investigador: O pesquisador deste projeto compromete-se a garantir a confidencialidade dos dados que forem fornecidos pelos(as) participantes e a utilizar esses dados somente para fins de investigação.

CONSENTIMENTO INFORMADO

Nós (abaixo assinados) declaramos ter sido devidamente informados (as) e esclarecidos (as) sobre os objetivos e procedimentos do Projeto de Pesquisa. Declaramos ainda, ter plena consciência do nosso papel enquanto participantes neste estudo, para o qual consentimos voluntariamente.

ASSINATURAS:

1. Andressa Sales Santos Lima
2. Apeliana Serobim da Silva
3. Bianca Pereira dos Santos
4. Érica Ferreira B. Benvenuto
5. Tainara Barbosa do Costa
6. Isabella da Silva Almeida
7. Fernanda Kauny Gomes de Lima
8. Sabrina Quinz Fernandes
9. Eloízia Soares Ueliro
10. José Guan Fernandes Carmelo
11. Antônio Carmo Soares
12. Felipe Lucas De Souza Vieira
13. Mário Frank Jovares de Andrade
14. Requane Fernandes Carneiro

15 Maria José da Silva Cassiano

16 Adriana Pereira de Lima

17 Susana Carmo Sz

18 Luciano de Sousa Pereira

19 Amanda Vieira Soares

20 Junior Soares de Andrade

21 Maria José de Andrade Araújo

22

23

24

25

26

27

28

29

30

Riacho dos Cavalos, 07 de Novembro de 2019.

Orientadora: Eriny Ceília de A. P. e Almeida

Entrevistador: Tiago Soares Vieira